



LEGADOS CONTEMPÔRÂNEOS DA DESIGUALDADE SOCIAL:

quando a construção de políticas públicas para a infância e juventude é entrelaçada pelas redes de afetividades constituídas

Camila Holanda Marinho¹

RESUMO: Essa pesquisa busca compreender como são constituídas as narrativas amorosas de jovens com experiência de moradia de rua, considerando que a rua é um palco das performances de culturas juvenis, assim como um lugar de encontros de afetos. Portanto, os discursos amorosos desse grupo são reveladores de suas trajetórias de vida. Do mesmo modo, sinalizam signos de vínculos à rua, considerando que esses jovens são constantemente atravessados por experiências de vinculações emotivas, quer seja com pessoas ou com lugares, em seus trajetos cotidianos.

Palavras chaves: Culturas juvenis. Afetividades. Desigualdades sociais.

ABSTRACT: This research seeks to understand how love narratives are constituted by young people with experience of housing street, considering the street as a stage for performances of youth cultures, as well as a meeting place of affection. Therefore, the love discourses in this group are revealing their life trajectories. Similarly, it indicates signs of ties towards the street, considering that these young people are constantly traversed by the experiences of emotional ties, whether with people or places, in their daily paths.

Key words: Youth cultures. Affectivity. Social inequalities.

¹ Doutora. Faculdade Metropolitana da Grande Fortaleza (FAMETRO) E-mail: camilaholandamarinho@gmail.com



1 INTRODUÇÃO

Essa pesquisa visa promover uma reflexão sobre um grupo social que pode ser compreendido como um signo da desigualdade e exclusão social delineando dessa forma, contornos tortuosos sobre a sociedade brasileira. Nesse sentido, parto do princípio de que os jovens com experiência de moradia de rua são os indivíduos que, em um determinado tempo de suas trajetórias de vida, designaram a rua como uma referência de moradia. Desta forma, ficam por algum tempo afastados de suas casas, utilizam os serviços de atendimento institucionais e reinventam a vida privada em espaços públicos, tecendo, assim, novas e diferentes redes de afetividade. De todo modo, considero essencial perceber as redes que entrelaçam o cotidiano desse grupo social, reconhecendo que são relações fluidas e contingentes, e desconsidero um determinismo temporal (com relação ao tempo de permanência nas ruas) e etário (desvinculados de marcos legais) que os amarre a definições inflexíveis e inexoráveis. A “viração”, conforme define Maria Filomena Gregori (2000), é uma importante expressão dos modos de vida nas ruas para entender a definição desse grupo social. Os jovens, como pontua a autora, manipulam recursos simbólicos e identificatórios para dialogar e se posicionar na rua, implicando a adoção de várias posições conforme interesses estabelecidos, portanto, comportam-se de acordo com situações que os colocam como “vítimas” ou “culpados”, sendo frequentemente percebidos como, “trombadinhas”, “menor carente”, “excluídos” ou “sobreviventes”.

Portanto, os indivíduos com experiência de vida nas ruas representam uma ruptura, uma contestação, um desencantamento de algo rumo à produção de novas formas de viver, por serem autores e protagonistas de suas próprias histórias. São corpos que não se acomodaram com a fixidez ou com significados preestabelecidos e, assim, fazem da rua os lugares de suas moradas. Para José de Souza Martins (2000), a modernidade produz indivíduos fragmentados, mas obstinados a mudar suas trajetórias de vida, que lutam para viver, ao mesmo tempo em que não deixam que esse viver lhes escape ou se apresente como algo absurdo ou destituído de algum sentido. Assim, criam novas formas de vida na tentativa de reencontrarem sentidos ou reinventá-los. O autor ainda assinala que os indivíduos envolvidos em “privação repentina de significados” criam significados substitutivos e reestabelecem às relações sociais interrompidas ou ameaçadas de ruptura.

De todo modo, os indivíduos estão em constante movimento, em processos de reinvenção de seus cotidianos e de suas subjetividades. O homem moderno, para Richard Sennett (2008), é um ser humano móvel. Como o “desejo de livre locomoção



triunfou sobre os clamores sensoriais do espaço através do qual o corpo se move” (SENNETT, 2008, p. 262), o indivíduo moderno desloca-se em uma cidade com o movimento acelerado de pessoas, cheia de espaços neutros, de passagens e de riscos. Mas a locomoção, o deslocamento livre, tem sido tratada como um dos grandes desafios urbanos das cidades brasileiras, devido à sensação de risco, do medo, portanto, da violência urbana. Os moradores de rua compõem o grupo daqueles que “amedrontam” e criam resistências à circulação, na cidade, de outros indivíduos. Suas trajetórias de vida nas ruas são mediadas por situações nas quais o legal e o ilegal, a dignidade e a marginalidade, o real e o imaginário, o amor e o ódio, a solidariedade e a individualidade, sentimentos que se confundem e se entrecruzam cotidianamente.

2 ALGUMAS REFLEXÕES SOBRE DESIGUALDADE SOCIAL, JUVENTUDE E AFETOS

Dentre os grupos que circulam pela cidade, e essa característica não é exclusiva dos indivíduos com experiência de moradia de rua, são eles os que associam as dimensões da vida privada à esfera pública, redesenhando uma nova geografia dos espaços. Guiam-se de acordo com os trajetos cortados, com os limites transpostos e as fronteiras demarcadas, configurando os espaços para viver nas ruas. Sabem onde dormir, comer, tomar banho, se esconder, namorar, brincar, trabalhar e buscar socorros necessários, distribuindo-se na cidade de acordo com as possibilidades de resoluções de suas necessidades e desejos, assim como para a obtenção de rendimentos materiais e financeiros. A cidade passa a ter uma nova localização geográfica e afetiva. Por outro lado, independente da cidade em que se localizam, os moradores de rua são expressões das desigualdades e injustiças sociais na sua forma mais extrema.

Indivíduos recobertos pelas experiências de exclusão sociais são designados pelo senso comum a partir de classificações que salientam as formas de marginalização, discriminação e estigmatização. Boaventura de Sousa Santos (2008) nos chama a atenção para pensarmos os conceitos de desigualdade e exclusão social como sistemas de pertencas hierárquicas. No sistema de desigualdade, a pertença se dá pela integração subordinada, implicando em um sistema hierárquico de integração social. No sistema de exclusão, a pertença se dá pela própria exclusão, mas dominado pelo princípio da segregação. Para o autor, esses sistemas são tipos ideais, pois, na prática, os grupos sociais inserem-se nos dois sistemas dentro de combinações complexas. No caso dos moradores de rua, eles estão inseridos como agentes desqualificados frente às demandas



socioeconômicas do mundo do trabalho, integrando-se hierarquicamente abaixo dos agentes qualificados. Suas atividades que geram proventos econômicos (vigiar carros nas ruas, pedir dinheiro, recolher materiais recicláveis, vender doces e balas) são geralmente vistas como atividades marginalizadas. Por serem excluídos do que é classificado como regular aos comportamentos e etiquetas sociais (fazem da rua as suas casas, não possuem uma rotina de trabalho, possuem aparências mal cuidadas e sujas), a exclusão dos indivíduos que vivem nas ruas consolida e justifica no imaginário social a periculosidade pessoal, produzindo uma pertença que se afirma pela não-pertença. Nesse sentido, Santos (2008) assinala que a integração não vai além do controle da periculosidade.

Problemas de desigualdade e exclusão social demarcam a sociedade capitalista. Suas formas e expressões atuais apontam novos sentidos e produzem novos atores sociais. Atualmente, a dimensão econômica, simbolizada pela dificuldade de inserção no mundo do trabalho, se configura como uma das principais formas de desigualdade social. Elimar Pinheiro do Nascimento (2000) aponta que as diferentes formas de exclusões acontecem por causa de um processo simultaneamente econômico (expulsão do mundo do trabalho), cultural (não reconhecimento ou negação dos direitos) e social (rupturas de vínculos comunitários), que leva à formação de grupos de indivíduos “desnecessários economicamente”, “incômodos politicamente” e “perigosos socialmente”. Para Nascimento (2000), esses indivíduos não possuem um lugar e podem ser eliminados fisicamente sem que o desaparecimento de seus corpos seja percebido. São eles os moradores de rua, os sem-teto, os sem-trabalho, os sem-terra, os trabalhadores migrantes, os sem vínculos familiares e comunitários, aqueles que fazem dos espaços públicos (ou dos espaços dos quais não possuem posse) suas moradias.

Algumas das principais motivações que provocam os deslocamentos dos moradores de rua dos lugares onde estabelecem uma fixação mais duradoura são as práticas e as situações de violência. Esses acontecimentos estão relacionados com a repressão policial, com conflitos e desentendimentos no interior dos grupos ou ameaças de agentes externos ou inimigos que podem saber onde encontrá-los. O cenário no qual estão inseridos é marcado por uma diversidade de manifestações de violência praticada por eles ou contra eles. Desamparados pelos serviços públicos de atendimento, especialmente de saúde, educação, habitação e segurança pública, os casos de conflitos são geralmente resolvidos por e entre eles, portanto, existem poucas estatísticas que apontem seus envolvimento em situações de violência, seja como autores ou vítimas dessas situações. Geralmente, usa-se “armas brancas”, como facas, cacos de vidros, garrafas quebradas,



pedras, entre outras. Portanto, a rua é compreendida por sua multiplicidade de usos e significados e, no caso dos moradores de rua, uma dentre tantas classificações é a de que a rua se reproduz em cenários de violência. Em seus relatos, ela é o lugar que simboliza a liberdade, ao mesmo tempo em que, também, é compreendida por eles como um lugar perigoso de viver.

As formas de violência na rua possuem múltiplos formatos. São expressas pelos fenômenos de exclusão e desigualdade social, que fazem com que os indivíduos se encontrem em situações de miséria e extrema pobreza, tornando-se despossuídos de qualquer bem de consumo e sobrevivência. Estão associadas a práticas criminosas protagonizadas por eles, como também através de situações de violência que os colocam como vítimas de agressões, maus tratos, atitudes de repugnância e, conforme a mídia tem noticiado recentemente, os moradores de rua estão sujeitos a serem assassinados por aqueles que consideram suas vidas desnecessárias e ameaçadoras. Muitos também possuem formas de interação violentas entre eles e direcionadas às outras pessoas que circulam pela cidade. Mas é importante ressaltar que as práticas de violência e os comportamentos violentos não devem ser associados, de forma generalizada, a todos os indivíduos que moram nas ruas. A violência é uma das representações que compõem o universo da rua, mas que não a define.

No caso dos jovens moradores de rua, representações de condutas perigosas e imorais também são constantemente associadas a eles. De modo geral, a sociedade costumeiramente atribui aos jovens o lugar de produtores de violência, com destaque aos seus envolvimento em situações criminosas, em conflitos entre grupos rivais, nos embates violentos de torcidas organizadas de futebol e com o tráfico de drogas. Quando em trânsito pelas ruas das cidades, os jovens também produzem sentimentos de medo e repugnância por parte de muitos indivíduos. Em algumas situações, especialmente no caso das crianças, é possível perceber sentimentos de compaixão. Mas o medo e a desconfiança se destacam e são simbolizados pelos vidros dos carros, que são fechados quando eles se aproximam, pelos transeuntes que atravessam a rua para que eles não cruzem seus caminhos, pelas bolsas colocadas mais próximas ao corpo para que não sejam puxadas e roubadas. Sendo assim, esses indivíduos exacerbam os sentimentos de medo e insegurança de grande parte da população que costumeiramente os rechaça e preferiria não vê-los perambulando pelas ruas da cidade.

Ser jovem implica em uma multiplicidade de pertencimentos localizados além da definição etária e geracional. É importante destacar que esses pertencimentos culturais,



sociais e institucionais podem se apresentar de forma transitória, mas são eles essenciais para a compreensão da condição juvenil. Para Machado Pais (2003), os diferentes sentidos que o termo “juventude” tem tomado e as diferentes manifestações de sentido encontradas nos seus comportamentos cotidianos, nos modos de pensar e agir, em suas perspectivas sobre o futuro, nas suas representações e identidades sociais, compõem paradoxos analíticos importantes para a reflexão das culturas juvenis. O desafio, como indica o autor, é perceber a juventude não apenas como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma mesma fase de vida, mas sim compreender as culturas juvenis como um conjunto social com atributos que os diferenciam. Portanto, uma passagem do campo semântico que toma a juventude como uma “unidade” para o que a toma como uma “diversidade”. Para Denise Cordeiro (2009), falar em juventude como uma construção social pressupõe romper com a ideia de homogeneidade e considerá-la dentro de suas diversidades, de seus pertencimentos, de seus campos de interação e de ocupação no espaço urbano, abandonando uma “visão mítica, totalizante e estática” que dificulta a interpretação da condição juvenil no tempo presente, marcado por desigualdades de várias ordens.

No caso dos jovens com experiência de moradia de rua é importante destacar que eles estão transitando por lugares, mas também por sentimentos diversos designamos a partir das experiências vividas nas ruas. Assim, eles estão redefinindo as ocupações espaciais, transpondo territórios afetivos e reconstruindo os itinerários que demarcam as suas histórias de vida na rua. Suas experiências são marcadas por práticas nas quais a violência os coloca como protagonistas, conforme alardeia o senso comum, mas também como vítimas da desigualdade e exclusão social. A polifonia das ruas não toca apenas os sons da violência, mas também das redes que produzem pertencimentos e envolvimentos afetivos capazes de tornar a vida na rua suportável. É através da constituição de redes afetivas que proponho uma compreensão sobre a população moradora de rua, com destaque aos jovens que são costumeiramente mais estigmatizados pelos seus modos de vida. Percebo que a constituição das redes de afetividade produz as marcas que designam as experiências juvenis nas ruas, como também as práticas e sentimentos vividos.

Um jovem, quando vivencia suas experiências de vida na rua, traz inscrito em seu corpo os percursos que a vida na rua produz. Tratando-se de inscrições sobre o amor, conheci nos meus percursos em campo uma jovem garota que possuía o nome de um “ex-amor” tatuado na mão esquerda. Com o fim do namoro, a menina tentou tirar a tatuagem fazendo outra por cima para cobrir, mas não conseguiu, e podemos com facilidade continuar



observando o nome do ex-namorado inscrito no corpo dela. Outra jovem que conheci durante a realização dessa pesquisa possui duas referências aos seus amores em seu corpo: um coração e um anjinho, que, segundo ela me contou, foi feito em homenagem a duas histórias de amor vividas na rua. Hoje, ela quer demarcar outros amores escrevendo os nomes dos filhos em seu pulso. Esses nomes e desenhos representam um momento, um tempo, uma época, um sentido que marca o corpo e as lembranças dessas jovens e de suas vidas e trajetórias na rua. Há inscritos da rua nos corpos daqueles que dão a ela um sentido pontilhado pelas teias de afetividades tecidas.

Portanto, as experiências sexuais e amorosas vividas por esse grupo postulam reinvenções na tentativa de construir relações afetivas igualitárias e livres, bem como da desconstrução de que eles não compreendem os seus desejos e estabelecem relacionamentos irresponsáveis, instáveis e impulsivos. Os jovens com experiência de moradia de rua, ao nomadizarem seus percursos, experiências, etiquetas, afetos e desejos, sinalizam esse trânsito sentimental que circunda as trajetórias das culturas juvenis da contemporaneidade. Seus movimentos incessantes, em trajetos que não visam um começo, um meio e um fim, são permeados por uma modalidade não convencional de vinculação, de fixação, de pertencimento, mas que é permanentemente tecida por fios de afetos, seja através de expressões de alegria, de dor, de frustração, de perda, de medo, de prazer, de solidariedade, de cumplicidade, de saudade, de amor e ódio, portanto, dando um uso polifônico e caleidoscópico de sentimentos à vida na rua.

3 CONCLUSÃO

Jovens com experiência de moradia de rua são narradores de histórias e trajetos que desenham uma paisagem afetiva peculiar da cidade. Seus percursos, conforme sinalizo em passagens recorrentes desse estudo, são demarcados por ambivalências e ambiguidades. Para muitos, a percepção de que eles tecem fios de afetividade e amorosidade por si só representa uma contradição. De modo geral, a compreensão desse grupo social costuma acontecer a partir de trajetórias marcadas pelas situações de violência nas quais estão inseridos. Afasto-me da centralidade da violência pura ao narrar modos de vida nas ruas, apenas faço a opção analítica de situá-los a partir da tessitura de laços de afetividades que, a meu ver, produz possibilidades de fixação à rua e sinalizam expressões de culturas juvenis que demarcam as experiências contemporâneas de sociabilidades desses grupos sociais, especialmente com relação às trajetórias afetivas e sexuais.



Além das formas de repulsão ocasionadas por conflitos familiares e comunitários, que fazem com que os jovens estabeleçam a rua como uma referência de moradia, o entendimento da complexidade desse fenômeno social se dá através da compreensão da esfera subjetiva que passa a apontar a constituição de laços de fixação à vida nas ruas. Percebo que a permanência nas esferas públicas, apesar da rua também ser reconhecida por eles como um lugar de violência, produtora de um cotidiano degradante, ameaçador e hostil, intercorre a partir da constituição de redes afetivas estabelecidas com pessoas, lugares e instituições que proporcionam estratégias de sobrevivência e permanência na rua. Nesse sentido, compreendo a rua como um lugar de encontro de afetos.

Todavia, a vinculação às esferas públicas acontece a partir de um emaranhado de emoções em trânsito que pode estabelecer movimentos de circulação entre os mundos da rua e os mundos da casa. Ressalta-se que, para o público infanto-juvenil morador de rua, é maior as possibilidades de acesso a serviços em instituições de atendimento do que para o público adulto. Cientes desse fato, crianças e jovens com experiências de moradia de rua agregam às suas trajetórias “entradas” e “saídas” da rua que acontecem de forma frequente em seus roteiros cotidianos. Não podemos dizer que são indivíduos sem vínculos familiares e comunitários, mas sim que existem conflitos que provocam a convivência esporádica e instável nesses lugares. Nesse sentido, entendo que os afetos de rua são emblemáticos para os modos de filiação e vinculação às ruas, outorgando assim, significados que recorrentemente são imperceptíveis aos olhares estrangeiros, indiferentes e desatentos, que muitas pessoas destinam a esses lugares e às pessoas que referenciam a rua de forma afetiva, apesar de serem os representantes mais emblemáticos das formas mais perversas de exclusão e desigualdade social. Portanto, a construção de políticas públicas para esse e os demais grupos sociais marcados por situações de desigualdade social devem considerar o delineamento das redes subjetivas de afetividades constituídas. Só dessa maneira estaremos no rumo de uma sociedade verdadeiramente justa, igualitária e solidária.

REFERÊNCIAS

- CORDEIRO, Denise. **Juventude nas sombras**. Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ, 2009.
- GREGORI, Maria Filomena. **Viração**: experiências de meninos de rua. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.



- MARTINS, José de Souza. **A sociabilidade do homem simples**. São Paulo: Hucitec, 2000.
- PAIS, José Machado. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2003.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2ª ed. São Paulo: Cortez Editores: 2008.
- SENNETT, Richard. **Carne e Pedra**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.